

SETEMBRO 2021 | NÚMERO 08

Nota de Reflexão do SLH

Melhorar o Saneamento Rural em Contextos Complexos

Introdução

Dos dois mil milhões de pessoas em todo o mundo sem acesso a, pelo menos, saneamento básico, sete em cada 10 vivem em zonas rurais (JMP 2019). Têm sido feitos progressos na expansão do saneamento rural, mas, embora os níveis de acesso aumentem, continuam a existir desafios para percorrer «o último quilómetro», ou seja, os últimos 10 a 20% da população (Apanga *et al.* 2020, UNICEF 2015).

Os factores que afectam a capacidade dos agregados familiares de construir e utilizar sanitários, bem como os desafios que os programas de saneamento enfrentam para chegar a grupos específicos, são muito diversos. Já se demonstrou que a aplicação de abordagens padronizadas não funciona, pelo que são necessárias abordagens mais matizadas, adaptadas e direccionadas para assegurar o elemento de universalidade dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável e garantir que ninguém seja deixado de lado (Cavill *et al.* 2016). Reconhece-se, porém, que os desafios podem ser persistentes e que há poucos exemplos documentados de como superar estes desafios em grande escala.

O Sanitation Learning Hub («Centro de Aprendizagem de Saneamento», SLH), o UNICEF e a WaterAid encomendaram um estudo para fazer um levantamento de abordagens de saneamento rural em contextos complexos e das orientações que estão actualmente a ser usadas, agregando experiências e lições emergentes. O estudo exploratório inicial identifica lacunas que precisam de ser abordadas e fornece recomendações sobre a forma de abordar algumas delas. As três

organizações que encomendaram o estudo pretendem trabalhar com o sector em geral para explorar mais em pormenor as lacunas e oportunidades, numa segunda fase deste trabalho.



Latrina e chuveiro cobertos + instalação de lavagem de mãos, Jeldi, Etiópia. Foto: The Sanitation Learning Hub/Maria Gerth-Niculescu

Esta rápida análise documental recolheu conclusões preliminares em cinco grandes «categorias» de desafios: (i) pobreza e mobilização social, (ii) normas sociais e crenças enraizadas, (iii) ambientes físicos difíceis, (iv) estilos de vida e meios de vida e (v) contextos frágeis. Foram realizadas 44 entrevistas com informantes-chave, e foram consultados de mais de 180 recursos documentais.

Nesta Nota de Reflexão, apresenta-se uma panorâmica resumida dos resultados do estudo. O relatório

completo pode ser consultado aqui (em inglês): <https://sanitationlearninghub.org/resource/rural-sanitation-in-challenging-contexts-findings/>

Principais conclusões

Fontes de informação e sistemas de monitoria

As conclusões relativamente a fontes de dados e de informação, e também aos processos que as organizações utilizam para identificar pessoas ou áreas potencialmente desfavorecidas são as seguintes:

- Para os seus dados secundários, o sector de Água, Saneamento e Higiene (*Water, Sanitation and Hygiene, WASH*) recorre a recenseamentos e inquéritos nacionais, tais como Inquéritos Demográficos de Saúde (*Demographic Health Surveys, DHS*) e Inquéritos Agregados de Indicadores Múltiplos (*Multiple Indicator Cluster Surveys, MICS*). Apesar de haver outros conjuntos de dados disponíveis, por exemplo, de outros sectores (acção social e agricultura), estes não são normalmente utilizados por profissionais de WASH. Embora seja recolhida e, às vezes, apresentada informação desagregada, o nível de desagregação e a resolução geográfica dessa desagregação são limitados. Com algumas notáveis excepções, há pouco trabalho de análise espacial e desagregação dos dados de monitoria do sector de WASH, para mapear as desigualdades¹.
- Não é utilizado um método único para identificar grupos potencialmente desfavorecidos ou contextos complexos. A investigação formativa, a concepção centrada no utilizador (*user-centred design, UCD*) e a análise de barreiras ajudam as organizações de WASH a identificar e a compreender melhor os grupos potencialmente desfavorecidos e os obstáculos à inclusão. O Saneamento Total Liderado pela Comunidade (*Community-Led Total Sanitation, CLTS*) inclui um processo de auto-identificação da vulnerabilidade da comunidade, mas isto está menos formalizado noutras abordagens do saneamento rural. Os sistemas de monitoria são muitas vezes orientados para avaliar o progresso realizado, não para rastrear ou analisar valores como os do retrocesso para o fealismo a céu aberto em diferentes grupos ou o impacto que os diferentes desafios têm no uso prolongado de casas de banho;
- Muitas vezes, há atribuição de subsídios externos depois de uma identificação da pobreza por sistemas governamentais de apoio social, quando estes sistemas existem; na sua ausência, ou quando são considerados pouco fiáveis, as organizações definem os seus próprios critérios para projecto ou para a organização. A identificação das pessoas que necessitam de apoio, o envolvimento dessas pessoas

e a concretização do mecanismo de apoio assenta muitas vezes numa utilização intensiva de recursos;

- Há interesse em ferramentas ou recursos em linha, que possam ajudar a agregar uma gama mais vasta de fontes de dados e a proporcionar acesso a esses dados, para enriquecer a análise do sector existente, proporcionar um apoio mais orientado e a ajudar à concepção de programas no país.

As conclusões relativas à capacidade dos sistemas de monitoria organizacional e sectorial de identificar e avaliar o progresso realizado no que toca a chegar aos grupos potencialmente desfavorecidos são as seguintes:

- Os inquéritos nacionais correm o risco de não incluir certos grupos, como sejam pessoas deslocadas, grupos minoritários e trabalhadores migrantes. Poucos inquéritos nacionais incluem a desagregação de dados no seio do agregado familiar;
- Numerosas organizações do sector de WASH (ONG, OSC, ONU) têm os seus próprios sistemas de monitoria centrados na equidade, embora muitas vezes sejam só aplicados sistematicamente em «projectos» específicos e possam incidir apenas em determinados grupos. Muitas vezes, a utilização dos dados de monitoria para a tomada de decisões poderia ser melhorada². A maior parte dos sistemas de monitoria só têm em conta a inclusão ao nível comunitário, enquanto alguns também examinam aspectos a um nível mais elevado do «sistema» WASH (como o Quadro de Monitoria do Desempenho da SNV (SNV, 2019)).

Orientação e documentação existente sobre os desafios

Nogeral, verificou-se que o equilíbrio entre documentação e orientações varia consideravelmente entre as cinco categorias de desafios.

Embora seja reconhecido, entre os profissionais de WASH, que há múltiplos desafios e barreiras com impacto na capacidade de acesso dos agregados familiares aos serviços de saneamento, a relação entre estes desafios não tem sido sistematicamente explorada nem documentada.

Uma análise aprofundada do conhecimento e da utilização dos vários conjuntos de ferramentas e estudos pelos actores do sector a nível nacional e subnacional está para além do âmbito do estudo.

Podem, todavia, utilizar-se indicadores indirectos da potencial adequação ao leitor: dos documentos analisados com números de páginas listados, o número médio (mediano) era de 30 páginas (muitos > 60), e 18% destes documentos tinham resumos. Os materiais de orientação nem sempre são traduzidos para as línguas locais (ou só existem em inglês).

¹ Pullan *et al.* (2014) usaram dados de monitoria para fazer uma análise espacial da desigualdade no sector de WASH em toda a África.

² Os dados sobre as organizações e os projectos não são sistematicamente divulgados com o sector no seu todo nem usados para análises do sector e processos de aprendizagem.

Categorias de desafios

Pobreza e marginalização



Atitudes e crenças enraizadas



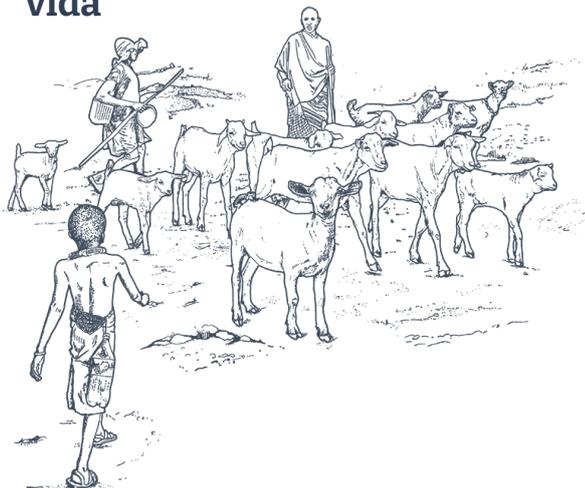
Contextos frágeis



Ambientes físicos difíceis



Estilo de vida/meios de vida



CATEGORIAS DE DESAFIOS	
Pobreza e marginalização social	<ul style="list-style-type: none"> • Há um grande volume de orientações sobre este tema, com algumas dimensões (por exemplo, género, deficiência física e idade) mais bem documentadas que outras (por exemplo, HIV e saúde mental). • Embora haja muitas recomendações úteis de boas práticas em programas inclusivos, o volume de acções recomendadas e de considerações (sobretudo nas orientações que tratam apenas de certas desvantagens potenciais – por exemplo, só género ou só deficiência) pode ultrapassar os meios de muitos programas de WASH; • A maior parte das orientações cobre a necessidade de ponderar concepções de infra-estruturas, e há também uma tendência cada vez maior para dar também destaque aos aspectos da inclusão ao longo do processo de intervenção. A maioria dos documentos de orientação relacionados com a inclusão incide em acções a nível comunitário, havendo menos que tratam de acções que podem ser realizadas a níveis mais altos do «sistema» de WASH, ou na abordagem de questões de exclusão numa perspectiva mais assente na economia política, em sistemas ou em direitos; • Embora haja orientações sobre mecanismos de apoio mais amplos, especificamente em relação a subsídios, a pouca documentação que existe incide mais em resultados do estudo (alguns com recomendações) que no fornecimento de orientações práticas e baseadas em dados factuais sobre a concepção de mecanismos de subsídios.
Atitudes e crenças enraizadas	<ul style="list-style-type: none"> • Em relação a outras categorias de desafios, há poucos documentos específicos sobre esta categoria de desafios, embora exista um conjunto cada vez maior de orientações e instrumentos sobre UCD, incluindo o surgimento de recursos específicos para o saneamento e os recursos que podem ser utilizados para contextos de crises humanitárias; • Como a maioria das normas sociais e crenças são específicas de cada contexto, e os profissionais precisam de instrumentos flexíveis para identificar normas sociais e crenças nas comunidades, e também de competências para adaptar as abordagens e as tecnologias dos programas para lidar com as questões identificadas, as orientações rígidas não são úteis nesta área. • Alguns dos recursos que tratam da teoria das normas sociais têm sido considerados excessivamente teóricos e difíceis de aplicar na prática;
Ambientes físicos difíceis	<ul style="list-style-type: none"> • As questões que resultam de ambientes físicos difíceis são muitas vezes tratadas localmente, encontrando soluções localizadas, e as poucas soluções não são geralmente documentadas e divulgadas; • Embora tenham sido identificadas algumas poucas ferramentas para apoiar os profissionais na avaliação do ambiente físico das zonas-alvo no âmbito do seu processo de concepção, as ferramentas e processos de UCD estão a ser cada vez mais usadas para elaborar opções técnicas adaptadas a diversos tipos de terreno e contextos; • Os recursos de orientação disponíveis incidem principalmente em adaptações tecnológicas, havendo menos orientações sobre como integrar essas medidas em modelos mais gerais de prestação de serviços (além dos conhecimentos locais de construção e cadeias de fornecimento) e sobre implicações financeiras mais vastas.
Estilo de vida/meios de vida	<ul style="list-style-type: none"> • Existe uma clara lacuna na documentação dos conhecimentos e orientações do sector sobre este desafio, embora haja alguns trabalhos a serem elaborados para tentar colmatar essa lacuna; • O pequeno volume de documentação relativa ao saneamento nas comunidades pastoris e pesqueiras circunscreve-se em grande medida à África Oriental, embora possa haver recursos em francês que não tenham sido analisados; • Há muito poucas orientações sólidas, assentes em dados factuais, sobre estes temas, baseando-se a maior parte da documentação na descrição do contexto e em sugestões sobre o que pode funcionar.
Contextos frágeis	<ul style="list-style-type: none"> • Há poucos recursos que dêem orientações sobre o reforço da ligação entre as abordagens de programas humanitários e de desenvolvimento; • Há um enfoque cada vez maior e cada vez mais documentação sobre abordagens monetárias e de mercado no sector humanitário, embora com pouco exemplos, por enquanto, da sua aplicação em ambientes rurais, fora de campos de deslocados. • Há pouca documentação sobre a aplicação de abordagens mais «de desenvolvimento» em contextos frágeis e esta documentação baseia-se em grande parte em experiências limitadas.

Esforços e experiências de fazer face aos desafios

Apresenta-se no quadro abaixo uma breve análise de como as organizações e programas procuraram superar os desafios em vários programas e países.

Pobreza e Marginalização Social	<ul style="list-style-type: none">• Foram identificadas experiências comuns relacionadas com acções no sentido de alcançar programas inclusivos: tendências para abordar questões como as deficiências sobretudo numa perspectiva tecnológica; as acções podem tender a ter um enfoque estreito e a serem compartimentadas sobre questões específicas e nem sempre integradas; a orientação de profissionais e partes interessadas não deve ser um exercício pontual e os esforços deliberados de inclusão durante todo o ciclo das intervenções são dispendiosos;• Os exemplos de aplicação de abordagens inclusivas são muitas vezes localizados e centram-se num pequeno número de potenciais desvantagens específicas. Há poucos exemplos de uma ampliação significativa de abordagens inclusivas em múltiplas dimensões de potenciais desvantagens;• Tentar combater a exclusão social exige iniciativas para fazer face a crenças e estigmas, tanto no seio das equipas de implementação como no seio das comunidades;• Certas barreiras não podem ser ultrapassadas apenas pela comunidade (por exemplo, falta de terra) e requerem o trabalho de múltiplas partes interessadas para as remover.
Normas Sociais e Crenças enraizadas	<ul style="list-style-type: none">• Há uma lacuna de experiências documentadas de incentivo ao uso de casas de banho em locais onde o uso de excrementos não tratados está relacionado com os meios de vida ou onde os terrenos fazem com que as práticas existentes de fecalismo a céu aberto (<i>open defecation</i>, OD) sejam consideradas uma «melhor opção»;• Os instrumentos e métodos para adaptar a cada caso as abordagens de mudança de comportamento são cada vez mais fáceis de utilizar e mais baratos de aplicar, mesmo em contextos de crise humanitária, o que significa que há cada vez mais espaço para os profissionais usarem abordagens mais matizadas e menos uniformizadas;• As normas sociais variam de local para local, o que dificulta a extrapolação de lições comuns de um contexto para os outros.
Ambientes Físicos Difíceis	<ul style="list-style-type: none">• As soluções para terrenos difíceis têm sido principalmente tecnológicas – que são frequentemente mais caras. Além disso, os que vivem nessas terras podem ser pobres e marginalizados, e podem, por isso, ter pouca prioridade para receber assistência governamental;• Muitos exemplos salientam a importância de desenvolver competências locais e de dar orientações e apoio técnico aos agregados familiares, para superar os desafios colocados pelos terrenos;• As acções para fazer face aos desafios são muitas vezes extremamente localizadas e não estão bem documentadas, o que pode ser uma das razões pelas quais existem poucos exemplos de superação, a maior escala, dos desafios colocados pelos terrenos;• Quando há casos de iniciativas para enfrentar esses desafios a uma escala mais ampla, é nesses casos que tem sido prestado apoio para elaborar estratégias sectoriais específicas (com base no mapeamento e articulação do «desafio») e elaborar orientações sectoriais.
Estilos de Vida e Meios de Vida	<ul style="list-style-type: none">• Esta categoria representa um bom exemplo de interseccionalidade entre contextos complexos;• Há temas comuns aos diversos grupos de meios de vida: a potencial relevância de ligar as abordagens sanitárias com os meios de vida e as cadeias de valor; adoptar uma abordagem mais «urbana» para populações móveis heterogéneas; ponderar a calendarização, e quem participa (e quem são os decisores) a nível comunitário; e, no caso de culturas pastorais, ser pragmático relativamente às expectativas de que todas as populações utilizem sempre casas de banho permanentes;• Tendo em conta a existência destes tipos de grupos socioeconómicos em todo o mundo, há poucas experiências documentadas sobre eles e sobre a forma de trabalhar eficazmente com eles a uma escala mais ampla.
Contextos Frágeis	<ul style="list-style-type: none">• Há uma forte compartimentação entre os actores e intervenções de ajuda humanitária e actores e intervenções de desenvolvimento. Há pouca aprendizagem mútua entre esses dois grupos e dificuldade em garantir a «ligação» entre as acções durante as fases de ajuda humanitárias e de cooperação para o desenvolvimento;• Na fase «prolongada» das crises, parece haver oportunidades se conseguir de maior complementaridade e de introdução de abordagens a longo prazo do saneamento rural; por exemplo, quando as necessidades humanitárias imediatas foram já satisfeitas a um nível básico e há mais tempo para pensar em meios de aumentar os níveis de serviço (por exemplo, para casas de banho domésticas) e adoptar uma abordagem que tenha em conta o mercado;• Há poucas experiências documentadas de abordagens do saneamento rural fora dos campos de deslocados – são relativamente limitadas ao CLTS e algo esporádicas. O facto de a «fragilidade» se manifestar de maneira diferente de país para país pode limitar a capacidade de extrapolar as melhores práticas de uma zona para a outra.

Barreiras comuns à superação dos desafios

As organizações e os programas enfrentam diversos desafios para garantir a inclusão. As razões identificadas foram as seguintes:

- Os incentivos organizacionais decorrem de uma série de factores internos e externos, incluindo as prioridades dos doadores, o custo, o risco e a consciência, por parte da organização e do seu pessoal, dos desafios a que os agregados familiares fazem face.
- As estratégias nacionais centram-se muitas vezes naquilo que é mais fácil de alcançar e em conseguir chegar a um grande número, em vez de lidar sistematicamente com contextos complexos. As políticas restritivas impedem o uso pragmático de mecanismos de apoio;
- É difícil de conseguir criar e de preservar capacidade e conhecimento suficientes, entre os trabalhadores da linha da frente, sobre como enfrentar a grande variedade de possíveis desafios.
- O sector de WASH não tem estratégias diferentes para identificar e enfrentar os desafios que afectam a maioria da população-alvo e os desafios que afectam uma minoria ou um número muito pequeno dos visados³.
- As limitações de recursos (competências, orçamento e tempo) têm impacto na capacidade das organizações de chegarem até aos grupos minoritários ou de adaptarem abordagens para enfrentar os desafios que se colocam a um menor número de famílias ou comunidades.

Enfrentar os desafios a uma escala mais ampla e através de abordagens baseadas em direitos e sistémicas

Segue-se um resumo de como as abordagens baseadas em direitos têm sido utilizadas neste contexto:

- Os conceitos e a linguagem da abordagem baseada em direitos podem ser difíceis de apreender; há cada vez mais tentativas, porém, de solucionar esta questão e tornar as abordagens baseadas em direitos mais «palpáveis» para os profissionais;
- As parcerias com grupos especializados de detentores de direitos (como sejam as organizações representativas de deficientes ou idosos) podem ajudar no trabalho baseado em direitos, tanto ao nível local como ao nível sectorial.

Eis alguns exemplos de iniciativas que têm procurado abordar os desafios à escala:

- Há vários pontos em comum entre os programas governamentais que estão a abordar a inclusividade e a fazer face a estes desafios a uma escala mais

ampla: objectivos por áreas e forte vontade política de os alcançar; pragmatismo – assente em políticas – relativamente a mecanismos de apoio e ao papel do governo local na decisão e/ou financiamento dos mesmos; a necessidade de assegurar que o modelo de ampliação inclui estruturas locais de revisão, aprendizagem e adaptação e partilha de experiências sobre «soluções locais» entre governos locais; e, onde os «desafios» específicos são generalizados, elaborar estratégias específicas para explicitamente lhes fazer face;

- Os programas-«piloto» nem sempre são concebidos tendo em conta, desde o início, as vias (e os custos) de ampliação para uma escala maior e sofrem, por isso, de problemas de «entrega» ou de institucionalização de processos ou abordagens criadas para projectos;
- Faz-se uma distinção entre ampliar a escala de uma solução ou de uma abordagem específica de um desafio e assegurar que o modelo institucional para a ampliação do saneamento rural a uma maior escala dê espaço e incentivos para identificação, adaptação, aprendizagem e partilha locais de abordagens para fazer face a estes desafios;
- Foram observadas quatro vias distintas para as organizações não governamentais ampliarem a escala de superação de desafios, a saber:
 - testar e demonstrar abordagens a nível local, e depois partilhá-las a nível nacional para estimular a sua reprodução;
 - realizar actividades com o governo e por intermédio do governo, com vista a servirem de base à implementação do programa de saneamento rural a nível nacional;
 - integrar a inclusão no modelo geral de negócios e prestação de serviços (por exemplo, em abordagens orientadas para o mercado); e
 - trabalhar a nível sectorial, fazendo investigação formativa para ser usada à elaboração de. Até à data, as abordagens de ambiente propício e de sistemas não criaram uma ligação clara com objectivos de inclusão a uma escala mais ampla.
- Segue-se um resumo de como as práticas de aprendizagem influenciam a inclusão a uma escala mais ampla:
- São essenciais processos de aprendizagem eficazes na ampliação de soluções locais. Há necessidade de descentralizar os processos de aprendizagem e dar exemplos de iniciativas para reforçar a difusão da aprendizagem no sector, tanto horizontal como verticalmente. Há também iniciativas globais que geram conhecimentos sobre determinados desafios.

³ Por exemplo, num programa nacional, muitas vezes as estratégias não são elaboradas para contextos que afectam uma parte relativamente pequena da população, como sejam grupos étnicos minoritários com crenças específicas, ou contextos geográficos ou de subsistência específicos.

- Há também lacunas fundamentais, como sejam: a aprendizagem e intercâmbio entre os sectores compartimentados da ajuda humanitária e da cooperação para o desenvolvimento e entre WASH e outros sectores (como a acção social); produtos de conhecimento, orientações e investigação do sector nem sempre podem ser adaptados para audiências mais locais; os processos globais de aprendizagem têm-se dirigido de forma tendenciosa a públicos anglófonos; os processos e acções de aprendizagem são muitas vezes pontuais; e há óbvias lacunas de conhecimentos, dentro de cada país e entre países, sobre certos desafios, como sejam os pastoralistas.

Recomendações

O estudo identificou uma série de oportunidades para reforçar as bases que permitam ao sector do saneamento rural fazer progressos inclusivos e superar os vários desafios que se colocam aos programas a uma escala mais ampla. Segue-se um resumo das recomendações:

1. Colmatar as principais lacunas de conhecimento identificadas no estudo e reforçar os processos de aprendizagem do sector.

a) Fazer pesquisa e recolher experiências sobre as lacunas identificadas no que toca a evidência e orientações, a saber:

- A concepção de mecanismos de apoio direccionados para chegar aos agregados familiares desfavorecidos; o reforço de sistemas gerais necessário para que estes tenham uma boa relação custo-eficácia numa escala mais ampla; meios para ultrapassar normas sociais persistentes e para fazer face a desafios comuns com os tipos de terreno e ultrapassar as soluções infra-estruturais de modo a incluir tecnologias adaptadas dentro de modelos mais abrangentes de prestação de serviços.
- Abordagens eficazes e baseadas em dados factuais para grupos de pessoas com meios de vida específicos, como sejam comunidades pesqueiras e mineiras, e para meios pastoralistas; abordagens apropriadas para apoiar o saneamento para pessoas deslocadas vivendo fora de campos de deslocados; adaptações às abordagens convencionais do saneamento rural para maximizar a eficácia em ambientes permanentemente frágeis.
- Meios para aumentar a ligação entre as acções de ajuda humanitária e de cooperação para o desenvolvimento. Meios de institucionalizar e ampliar a escala das abordagens para fazer face a vários desafios/desvantagens potenciais com que se debatem grandes programas e usar abordagens de sistemas; e como os direitos e as abordagens orientadas para o mercado estão interligados.

b) A partir disto, desenvolver meios especificamente adaptados para divulgar esta aprendizagem e orientações em diversos níveis do sector, e entre diversas regiões, tendo em conta os resultados de estudos sobre a eficácia dos documentos de orientações;

c) Reforçar os processos de aprendizagem e adaptação a nível global e nacional; assegurar que os processos de aprendizagem sejam descentralizados, tenham ciclos de feedback rápidos e frequentes, e fluxos de conhecimento eficazes, vertical e horizontalmente;

d) Reforçar o diálogo e a aprendizagem entre sectores «compartimentados» (Ajuda humanitária–Desenvolvimento, WASH–Acção Social)

2. Criar a base factual para identificar quem é que está no « último quilómetro», ou seja, as últimas pessoas a quem falta chegar, quantificar estes grupos e compreender as barreiras que se lhes colocam. Aumentar o acesso a essa informação para ajudar no direccionamento do sector.

a) Identificar, definir, quantificar e mapear áreas e grupos potencialmente desfavorecidos. Isto pode incluir a análise detalhada dos dados existentes, para além de investigação formativa;

b) Enriquecer o trabalho sectorial em ferramentas e plataformas de informação onde a informação sectorial relevante seja agregada para permitir uma focalização e concepção de programas baseadas em dados factuais. Promover a utilização generalizada dessas ferramentas pelo sector;

3. Desenvolver abordagens, modelos e produtos que sejam inclusivos e possam fazer face aos desafios a uma escala mais ampla.

a) Fazer investigação formativa para compreender as barreiras que se colocam aos grupos potencialmente desfavorecidos e desenvolver abordagens e meios de apoio assentes em factos documentados e especificamente adaptados para ultrapassar essas barreiras;

b) Fazer avaliações do mercado do saneamento em contextos complexos e envolver os actores de mercado para

criarem estruturas de incentivo, modelos de prestação de serviços e produtos que possam fazer face aos desafios a uma escala mais ampla.

4. Criar capacidade no país para lidar eficazmente com contextos complexos e criar os argumentos económicos e o compromisso dos intervenientes para dar prioridade aos grupos do «último quilómetro» e inclui-los.

a) Reforçar a consciencialização e a capacidade a diversos níveis para identificar e incluir vários grupos desfavorecidos. Reforçar as capacidades das organizações da sociedade civil e dos meios de comunicação social para rastreamento progressivo inclusivo e fazerem advocacia por ele;

b) Elaborar posições sobre políticas, incluindo argumentos económicos e de boa relação custo-benefício, para dar prioridade aos grupos do «último quilómetro».

5. Harmonizar definições e ajudar os governos a elaborar objectivos e estratégias específicas para contextos complexos e reforçar os seus processos de monitoria e revisão para rastrear progresso.

a) A nível global e nacional, trabalhar na harmonização de definições e indicadores de contextos complexos e grupos desfavorecidos e definir grupos prioritários a serem incluídos na monitoria e análise desagregadas;

b) Apoiar a elaboração de metas e estratégias nacionais para contextos complexos e grupos específicos;

c) Reforçar os sistemas nacionais de monitoria, para melhor incluir e identificar grupos potencialmente desfavorecidos e reforçar as capacidades de análise de dados e ciclos de feedback, de modo a que os dados de monitoria levem a análises de potenciais barreiras e mecanismos de apoio. Analisar a inclusividade do progresso durante as Revisões Sectoriais Conjuntas.

Agradecimentos

Esta Nota de Reflexão é da autoria de Will Tillett (Aguaconsult) e Oliver Jones (Bluechain Consulting).

Nesta Nota de Reflexão, apresenta-se uma panorâmica resumida dos resultados do estudo. O relatório completo pode ser consultado aqui (em inglês): <https://sanitationlearninghub.org/resource/rural-sanitation-in-challenging-contexts-findings/>

Bibliografia

Apanga, P.; Garn, J.; Sakas, Z. e Freeman, M. (2020) 'Assessing the impact and equity of an integrated rural sanitation approach: A longitudinal evaluation in 11 sub-Saharan Africa and Asian countries', International Journal of Environmental Research and Public Health 17: 1808, doi:10.3390/ijerph17051808/ www.mdpi.com/journal/ijerph

Cavill, S., Roose, S., Stephen, S. and Wilbur, J. (2016) 'Putting the hardest to reach at the heart of the Sustainable Development Goals', Chapter 15, in P. Bongartz, N. Vernon and J. Fox (eds) Sustainable Sanitation for All, Practical Action Publishing, <https://sanitationlearninghub.org/resource/putting-the-hardest-to-reach-at-the-heart-of-the-sustainable-development-goals/>

JMP (2019) Progress on Household Drinking Water, Sanitation and Hygiene 2000–2017: Special Focus on Inequalities, New York: UNICEF and WHO, <https://www.washdata.org/sites/default/files/documents/reports/2019-07/jmp-2019-wash-households.pdf>

Pullan, R.L., Freeman, M., Gething, P.W. and Brooker, S.J. (2014) 'Geographical Inequalities in use of improved drinking water supply and sanitation across sub-Saharan Africa: Mapping and spatial analysis of cross-sectional survey data', PLOS Medicine, <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1001626>

SNV (2019) SSH4A Performance Monitoring Framework, Partes 1 & 2, Haia: SNV, <https://snv.org/cms/sites/default/files/explore/download/2019-1-impact-indicators-ssh4a-performance-monitoringreview.pdf> and <https://sanitationlearninghub.org/resource/ssh4a-performance-monitoring-frameworkpart-2-outcome-indicators/>

UNICEF (2015) Second Review of Community-Led Total Sanitation in the East Asia and Pacific Region, Regional Report, UNICEF East Asia and Pacific, <https://www.unicef.org/eap/reports/2nd-regionalreview-community-led-total-sanitation-east-asia-pacific-region>



 /SanLearningHub
 @SanLearningHub
 @SanLearningHub

Citação correcta: Jones, O. e Tillet, W. (2021) “Melhorar o saneamento Rural em Contextos Complexos”, Nota de Reflexão do Sanitation Learning Hub Learning Brief N° 8, Brighton: IDS DOI: [10.19088/SLH.2021.020](https://doi.org/10.19088/SLH.2021.020)

Primeira edição: 2021
© Institute of Development Studies 2021
Alguns direitos reservados – ver licença de direitos de autor para mais informação.

ISBN 978-1-78118-858-3

Para mais informações, contacte:
Sanitation Learning Hub, Institute of Development Studies, University of Sussex, Brighton, BN1 9RE
Tel.: +44 (0)1273 606261
Email: SLH@ids.ac.uk
Site: <https://sanitationlearninghub.org/>

Esta série foi licenciada com uma licença Creative Commons de Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 3.0 Não Adaptada (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt>).

Atribuição: Deve atribuir o devido crédito da maneira especificada pelo autor ou licenciante.

NãoComercial: Não pode usar este trabalho para fins comerciais.

SemDerivações: Não pode alterar, transferir ou transformar este trabalho.

Os utentes podem copiar, distribuir, exibir, traduzir ou levar à cena este trabalho sem autorização por escrito. Para cada novo uso ou distribuição, deve deixar claro para terceiros os termos da licença desta obra. Se usar o trabalho, pedimos que faça referência ao site do SLH e envie uma cópia do trabalho ou um link para a sua utilização em linha para o seguinte endereço: Sanitation Learning Hub, Institute of Development Studies, University of Sussex, Brighton, BN1 9RE, Reino Unido (SLH@ids.ac.uk).



Este documento foi financiado pela Agência Sueca de Desenvolvimento Internacional, ASDI. A ASDI não partilha forçosamente os pontos de vista expressos neste material. A responsabilidade do conteúdo cabe exclusivamente aos autores.

